

SURYOYE - 108

SÃO PAULO - AGOSTO/2021

NESTA EDIÇÃO

ORAÇÃO	
INICIAL	1
IGREJA	
SANTA MARIA	2
EXISTIU	3
JESUS?	
CULTURA	
ORIENTAL	7
O SABÃO	
ENSINAMEN-	
TOS DE	
NOSSOS	9
MESTRES	
RITUALÍSTI-	
CA:	
A ARTE NA	9
IGREJA	
TRADUÇÃO	15
TEXTOS EM	
ARAMAICO	18

ORAÇÃO INICIAL

Quão estreita é a porteira

(mo qadTin taró)

Quão estreita é a porteira!

E difícil a via

Que leva ao Reino,

Pois quem quiser por ela se enveredar

Firmeza ser-lhe-á necessária,

E se por acaso relaxar um pouco

O caminho à perdição o conduzirá

E fará perder sua alma

Por sua própria vontade!

[Oração da manhã da quarta-feira, publicada no "Livro das Orações da Semana Ordinária da Igreja Siríaca Ortodoxa" - Imprensa do Mosteiro de São Marcos. Jerusalém. 1936]



Mosteiro de Santo Aho ("mor" Aho) em Kafro/Tur Abdin (atual Sudeste da República Turca) - construído no séc. VI.

ܘܘܢܐ ܘܡܨܝܒܐ ܐܣܐ ܘܡܨܝܒܐ ܡܢ ܡܘܨܝܒܐ
ܘܡܨܝܒܐ ܡܢ ܡܨܝܒܐ ܡܢ ܡܨܝܒܐ ܡܢ ܡܨܝܒܐ
ܘܡܨܝܒܐ ܡܢ ܡܨܝܒܐ ܡܢ ܡܨܝܒܐ ܡܢ ܡܨܝܒܐ

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria, S. Emca. Arcebispo Mor Severios oficia as missas em aramaico e português, aos domingos às 10h30 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/SP.

Estamos à disposição para atender os fiéis, telefone (11) 5581-6250.

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Artigos - Peter Sowmy
Revisão- Aniss Sowmy

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

FACEBOOK: IGREJA SIRIAN ORTODOXA SANTA MARIA

IGREJA SIRIAN ORTODOXA DEDICADA A SANTA MARIA EM SÃO PAULO

Diferentemente do pensamento ocidental, para o oriental não interessa qual foi a época em que se determinou a existência de uma instituição ou de uma edificação; claro que os orientais possuem um senso histórico porém, dizer que tal instituição foi fundada nesta ou naquela época não reproduz nada de factual pois se nada foi realmente feito é como se a instituição ou qualquer edificação não existisse.

Toda essa introdução acima serve para dizer que se um oriental escreve a história de uma instituição, atese-á ao fato que tal instituição foi entregue ao público para uso numa época bem determinada e que somente a partir dessa entrega ao público é que ele conta que essa instituição existiu de fato; assim, quando nas imagens que muitas vezes aparecem na página inicial de nosso Informe “Suryoye” colocamos que um mosteiro ou igreja é de um determinado século é porque aquele mosteiro (ou igreja) fora consagrado naquela época específica por um dignitário da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia, isto é, foi naquela determinada época que o mosteiro ou a igreja a que se alude a imagem foi consagrada por quem de direito eclesiástico e entregue ao povo para uso.



Por isso, é importante ao povo fiel da Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria a data de 14 de junho de 1981 pois, foi nessa data específica que SS mor Ignátios Zakkai I, então Patriarca da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia consagrou a edificação da Igreja Santa Maria, santificando todas suas paredes e altar, bem como as Tábuas da Consagração da Igreja, untando tudo com o óleo sagrado (em aramaico chama-se “*mairun*”) e, assim, daí por diante, os Sirianis (ou povo siríaco) no Brasil e em especial em São Paulo pudessem, com orgulho, dizer que já tinham uma segunda igreja servindo a Deus e ao povo.

A data de 14 de junho é comemorada, todo ano, com uma missa para que o povo que construiu a Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria, seus descendentes e o povo tivessem em mente que a Igreja Santa Maria foi entregue ao público para que esse mesmo público possa lá servir a Deus e recebesse as benesses de Nosso Deus que a Igreja ministra, os Sete Sacramentos (em aramaico chamam-se: “*xabeo roze*”).

Viva 14 de junho de 1981! Viva eternamente a Igreja Santa Maria!

EXISTIU JESUS?

Uma das perguntas mais intrigantes que se faz aos cristãos é a prova de que existiu Jesus, aquele que os cristãos acreditam que é Cristo.

Claro que a primeira resposta que nos vem à mente é a história da vida e feitos de Jesus, conforme relatado nos Evangelhos e com certeza responderemos: sim, basta ler os Evangelhos! Observamos ainda que não é o relato de uma única pessoa que por acaso escreveu a si próprio e de si próprio e que ninguém testemunhou e nem ao menos viu tal feito e quem diz ser verdade escreveu centenas de anos depois. No nosso caso, foram quatro pessoas que escreveram, entre a data da morte de Jesus até no máximo 60 anos após a morte desse Jesus; foram testemunhas que acompanharam sua trajetória de vida, seus ensinamentos e os escreveram.

Aí nos deparamos com outra dúvida de nosso inquisidor: “provar algo através da própria prova...não vale”, ou seja, não valem como prova quatro ou infinitos relatos de quem o seguiu; pode ter havido “contaminação de pensamento”. Guardadas as devidas proporções é o mesmo que perguntar se existiu de fato Pedro Álvares Cabral. Eu não vi esse tal de Cabral, afinal estamos falando de uma personagem que dizem que nasceu no século XV e morreu no século XVI e nós estamos no século XXI. Assim, se me trouxerem uma carta que ele escreveu ou mandou escrever naquela época, vou dizer que é mentira, que essa prova não vale!

Observe porém, que todo intelectual ocidental aceita a mitologia grega (são deuses e espíritos que falam de si ou os seguidores de suas filosofias falam deles), idem com o budismo, idem com o islão, só para citar alguns e quando alguém fala de Jesus como fato que ocorreu, mesmo que traga provas de seus seguidores que estiveram com ele ou algum seguidor dele relata algum feito dele no período imediatamente após sua morte, não vale!

Fico pensando, que quer esse nosso inquisidor?

Foi exatamente isso que se passou há muitos séculos e que se passa até hoje. Todos querem provas de que Jesus existiu mas que não fossem relatos de seus seguidores.

[Deixa-me esclarecer algo, além da famosa carta de Pero Vaz de Caminha a respeito do descobrimento do Brasil em 22 de março de 1500, Pedro Álvares Cabral é citado em relatos de nossa Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia na Índia]

Visto que a dúvida quanto a existência real de Jesus é de longa data, nada mais lógico que alguém houvesse compilado as provas que os céticos queriam e tais provas deveriam ser de pessoas não-cristãs ou seja: não eram seguidoras da filosofia de Jesus para que ninguém pudesse dizer que houve “contaminação de pensamento”.

Vejam então se realmente existiram essas pessoas, quem eram e quais as suas obras que falam de Jesus, de forma explícita ou, se implicitamente, podemos deduzir de forma clara se era o mesmo Jesus do cristianismo.

Uma pesquisa rápida em diversos “sites” da “internet” (isso é bem fácil, visto que o cristianismo é a religião que mais seguidores possui, neste início de século XXI) leva-nos a cinco autores da antiguidade, dos anos imediatamente posteriores à morte de Jesus. Desses, um era advogado, político e governador, dois eram historiadores, há também um outro historiador porém era satirista quando falou de Cristo e um último, presume-se que fosse educador e filósofo. Os três primeiros eram cidadãos do império romano e escreveram em latim e grego, o quarto era nascido na Síria porém de origem grega e escreveu em grego e o educador presume-se que fosse de algum lugar entre a Síria e o Iraque atuais (Canaã e Mesopotâmia da era antes de Cristo ou da “Província da Síria” da era Romana) pois escreveu em siríaco (aramaico). Nenhum dos cinco viera de Judá ou da Galiléia e não poderia ter sofrido qualquer influência do judaísmo ou até do cristianismo que naquele momento era nascente. Todos eram seguidores de filosofias gregas exceto um que poderia ser seguidor de filosofia de influência mesopotâmica. Quatro deles escreveram sobre Cristo alguns anos após sua morte e um quinto nasceu, escreveu e morreu no século imediatamente posterior ao da morte de Jesus. Além desses, poderemos chamar como prova um historiador judeu que também viveu alguns anos

EXISTIU JESUS?

(CONTINUAÇÃO)

após a morte de Jesus e ainda poderemos incrementar a prova com a adição do “Talmude” - livro básico dos rabinos judeus ao ensinarem a nunca aceitar o cristianismo, só que a 1ª aparição (edição) do Talmude é de 100 d.C. e a 1ª revisão (ou seja a 2ª edição) é de 150 d.C. Observemos ainda que existiram outros, contudo, o conhecimento que temos deles foi através de refutações a seus escritos parciais, refutações essas feitas por escritores cristãos posteriores, como exemplo, citamos Thalos que escreveu em grego, por volta de 50 d.C. a “História do Mundo”. De Thalos nada temos exceto a refutação de parte de sua obra feita por um prelado cristão do início do século III chamado Sexto Julio o Africano; assim, vamos descartar tudo que for muito distante de Cristo ou há algo indiretamente citado por outros e concentrar-nos naqueles mais próximos que falam de pessoas que seguiam a filosofia de um certo Jesus Cristo.

Outro detalhe que devemos mencionar é que a dúvida quanto à existência de Jesus na Terra é uma dúvida tipicamente ocidental pois no Oriente, nunca pairou tal dúvida; talvez porque os orientais sempre foram mais crédulos em relação à realidade enquanto que o ocidente sempre produziu dúvidas que abalaram a humanidade; até mesmo o autor síriaco que mencionaremos não escreveu porque duvidou da existência de uma pessoa que viveu entre os judeus quase 50 anos antes dele, veremos que escreveu como uma lição a seu filho.

Creio que nosso inquisidor ficou satisfeito com a formação dessa prova. Veremos todos, porém agora, veremos o que cada um era, qual sua influência junto ao governo ou ao povo e, quando interessante, o que escreveu.

1º) Plínio, o Jovem (*61 d.C - †113 d.C.). Autor profícuo de Cartas e Epístolas (368 no total). Estudou com diversos mestres, alguns deles no Oriente como foi o caso de Euphrates o Estóico, durante sua permanência na Província Romana da Síria. Exerceu a função de advogado e depois foi governador. No nosso caso, vai nos interessar uma Epístola que se refere ao cristianismo quando ele servia o Império como governador da Bitínia-Pontus na Ásia Menor (Bitínia-Pontus fazia fronteira com a Trácia, atualmente é a divisa entre a Turquia que ocupa a Europa e a Turquia que está no lado da Ásia). Essa epístola fora dirigida ao imperador Trajano e refere-se aos cristãos da região. As cartas e epístolas de Plínio o Jovem foram coletadas e impressas em 10 volumes e as epístolas que tratam de assuntos governamentais estão no último volume. A epístola que nos interessa é a de número 96 do volume 10, é a que se refere aos cristãos. A invocação inicial da carta é uma abertura primorosa na qual ele “joga” ao Imperador Trajano o problema que ele, Plínio, estava enfrentando; em verdade uma introdução a matérias de ordem legal difíceis. Eis a tradução dessa introdução: *“Meu costume é levar até ti, meu senhor, as matérias sobre as quais tenho dúvidas, pois, ninguém é melhor que tu para resolver minhas hesitações ou instruir minha ignorância.”*. Ele apresenta suas dúvidas visto que nunca antes estivera presente em julgamento de cristãos nas cortes: como deveriam ser punidos os cristãos? quais seriam as causas duma investigação e até onde poderia ser levada? deveria haver alguma vantagem por causa de idade ou de renúncia ao cristianismo? deveriam os cristãos ser castigados somente por serem cristãos? ...mesmo se não houvessem cometido qualquer crime?

Nessa mesma carta Plínio, expõe a maneira como procedia, até aquele momento, em tais julgamentos. Seu procedimento era: ele perguntava 3 (três) vezes ao acusado se era cristão. Se a resposta fosse afirmativa *“eu ordeno que sejam levados à execução, qualquer coisa que tenham admitido, tenho certeza que sua desobediência e inflexibilidade obstinada devem ser castigadas.”*. Os cidadãos romanos, ele os mandava a Roma para julgamento, conforme lei do Império na época. Contudo, agora, Plínio está em dúvida sobre todo o assunto. Nesse contexto ele cita Cristo três vezes: *“Desde quando comecei a lidar com esse problema, as acusações se tornaram mais comuns e aumenta sua variedade; como frequentemente acontece. Um panfleto anônimo tem circulado fazendo acusação a diversas pessoas, nominalmente. Decidi então dispensar qualquer um que negasse que fosse cristão ou que em qualquer época tivesse sido cristão e deveria repetir depois de mim a fórmula que invoca os deuses e faz oferendas de vinho e incenso a tua imagem que ordenei que fosse trazida à corte junto às imagens dos deuses, para isso e*

EXISTIU JESUS?

(CONTINUAÇÃO)

para o momento em que insultassem **Cristo**. Entendo que alguém que fosse cristão jamais poderia ser obrigado a fazer isso.

Outras pessoas cujos nomes foram fornecidos por um informante, primeiramente disseram que eram cristãos, depois negaram. Disseram que deixaram de ser cristãos havia dois ou mais anos, outros há mais de vinte. Todos veneraram tua imagem e as dos deuses e insultaram **Cristo**. Afirmaram também que sua culpa não passava do que segue. Eles se encontravam regularmente de madrugada, num dia determinado e cantavam antifonicamente, um hino a **Cristo** como a um deus. Eles também faziam um juramento, não que fossem cometer um crime mas a afastar-se de roubo, assalto e adultério e a não quebrar qualquer promessa, bem como a não reter qualquer depósito quando solicitado.”^(*)

[**oberva que o realce que se dá à palavra Cristo (negrito e itálico) não é da carta de Plínio; esse realce serve somente para chamar a atenção do nosso inquisidor**].

A referência a Cristo termina e a conclusão de Plínio é: “Não encontrei nada além de uma superstição degradada e sem limites.” ou seja; que os cristãos não passam de fanáticos tolos de quem podia dizer que seu modo de viver era moralmente inocente.

Trajano, em outra missiva (carta 97 do volume 10) respondo à epístola 96 diz que não consegue ajudar Plínio pois o tratamento em corte que este dava era exemplar e que se os cristãos lhe fossem enviados ele tentaria dissuadi-los de seus pensamentos e tentaria devolvê-los aos deuses dos romanos e se não voltassem, seriam castigados. Em verdade o que Trajano propôs foi exatamente o que Plínio descrevera, os cristãos seriam castigados pelo que acreditavam, porque acreditavam em Cristo, porque eram cristãos. Essa é a informação mais antiga de perseguição oficial aos cristãos.

Para nosso tema, vemos que no tempo em que Plínio o Jovem vivia, isto é na segunda metade do século I e o início do século II, ele, Plínio, menciona Cristo em epístolas legais entre um governador de uma província romana e o próprio imperador romano; portanto há provas legais (e reais) de sua existência histórica.

Observações

(*) Os cristãos do oriente, os que conhecem e rezam na língua de Cristo, no idioma siríaco (aramaico) possuem um cântico a respeito da perseguição dos cristãos (original aramaico v. secção de aramaico) que diz:

Dizei-me ó mártires abençoados

qual vinho tomastes na corte da justiça

e vossas mentes se inebriaram?

“O vinho que espremeram os judeus,

da vinha da Filha de Daví,

foi o que tomamos

e nossas mentes se inebriaram!

Vimos o fogo e não o tememos,

vimos a espada

e ansiosamente acorremos a Seu encontro!

Alaluia

pelo amor a Cristo!”

As cartas de Plínio o Jovem podem ser lidas em: <http://www.attalus.org/info/pliny.html> (acesso em 28 de junho de 2021)

(continua no próximo número)

Palavras da Bíblia

Responde rapidamente *Senhor Deus* pois desfaleceu minh' alma; não vires *Tuas* feições, para que eu não seja entregue com os que descem à cova:

Faze-me ouvir pela manhã *Tua* graça, pois em *Ti* me apoio; mostra-me *Senhor Deus*

Tu caminho para que eu nele siga pois para *Ti* elevei minh' alma.

Livra-me de meus inimigos e ensina-me a cumprir *Tu* desejo.

Livro dos Salmos - capítulo 143º

Significado de Nome

Joel, nome de homem. Esse nome é muito comum no Ocidente porém, não mais no Oriente. Ele é mais comum entre os cristãos, sejam eles de Oriente ou Ocidente.

Joel é um nome mencionado no Antigo Testamento. Foi um dos profetas conhecidos como menores e foi profeta na Judéia. Quanto ao século em que viveu há desentendimento entre os historiadores pois não há referência a qualquer rei de qualquer país próximo (como Egito, Assíria etc) ou local (Judá, Samaria, Israel etc). A maioria acredita que ele viveu após a volta do Exílio da Babilônia. Em 597 a.C. os judeus haviam sido levados cativos pelo rei dos caldeus para a Babilônia e somente voltaram para sua terra, Judéia, quando Ciro, rei da Pérsia os liberou, isso em 538 a.C.. A pista que esses historiadores tomaram foi que as profecias em seu livro estão associadas a rituais do Templo e isso acontecia com os rituais pós-exílio.

O nome **Joel** é composto por duas denominações de Deus: Yo + El. (Yo, Yah, Io, Iah são todos convertidos por Jo e Ja nas línguas provenientes da Europa, como inglês, português etc); exemplo disso é Yahwe que foi convertido para Javé, Yoel é convertido para Joel. Como dito anteriormente, é a união dos dois nomes de Deus.

Leitura recomendada: **Livro das Profecias de Joel**

Em cada missa o sacerdote da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia Santa Maria menciona em oração silente o nome dos falecidos que lhe informam. Essa oração é feita com o sacerdote ajoelhado diante do altar de Nosso Senhor enquanto o diácono canta o "Credo".

Faça uma contribuição às obras de caridade da Igreja e peça que o sacerdote reze por teu familiar falecido (não importa há quanto tempo isso tenha ocorrido).

A conta da Igreja é: Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria

c/c: 130002129 - Agência: 2174

Banco: Santander

CULTURA ORIENTAL - O SABÃO

Um dos desenvolvimentos tecnológicos do Oriente foi o sabão. Quem já não utilizou este produto em seus mais diversos tipos e formatos? O fundamento, no entanto é sempre o mesmo: limpar. Tal como muitos produtos desenvolvidos pelo ser humano, de uma função precípua um produto passa a ter outra função e depois outra e mais outra, distanciando-se daquela função para a qual fora idealizado, porém, quase sempre a função idealizada persiste. Assim aconteceu com o sabão.

Idealizado para a limpeza, o sabão em suas mais diversas funções, passou a servir até como modificador de cheiro de ambientes, contudo, até hoje, preserva sua função básica, qual seja a limpeza.

O Antigo Testamento traz diversas referências a produtos obtidos de plantas ou às próprias plantas utilizados para limpeza e branqueamento sem que se refira uma única vez a um produto chamado sabão. O mais antigo, parece ser um versículo de Jó (capítulo 9 versículo 30) que se refere à limpeza e os tradutores ao grego e latim, não entendendo direito, colocaram a palavra “sabão” como algo alcalino. O problema é que muitos produtos vegetais de potencial alcalino já eram conhecidos pelos sumérios que os utilizavam para limpeza. Outro problema é que os estudiosos da Bíblia sabem que o Livro de Jó foi escrito por volta do século V a.C., i.e. do tempo do Exílio da Babilônia, tempo esse em que os judeus foram capturados e levados como escravos para a Babilônia. Ocorre que já se sabe também, há mais de um século, que o livro de Jó tem por base outro livro babilônico conhecido pelos arqueólogos como “O sofredor justo” em que um homem justo e devoto de seu deus, afligido por diversas dores, doenças e injustiças indaga a seu deus o porquê de tanto sofrimento, porém, conformando-se que é a vontade de seu deus, tal como lemos no Livro de Jó.

Existem ainda outros livros do Antigo Testamento que falam de produtos de potencial alcalino para branqueamento; por exemplo no Livro das Profecias de Jeremias capítulo 2 versículo 22 onde se reporta a uma seqüência de produtos alcalinos usados pelos que produzem tecidos coloridos.

Todos eles não são propriamente sabões, apenas produtos alcalinos com poder maior ou igual ao da “soda cáustica” e todos eles já eram conhecidos pelos sumérios, acádios e babilônios, bem antes de o serem pelos cananeus (fenícios), israelitas e judeus.

As duas civilizações mais antigas que conheciam o sabão e que deixaram algum relato foram a Egípcia e a Mesopotâmica.

Os egípcios deixaram um papiro conhecido como “Papiro de Eber” em que se recomenda que os egípcios se lavassem regularmente com um tipo de sabão preparado com óleos vegetais, gordura animal e um mineral extraído do vale do rio Nilo chamado “trona” que é uma fonte de soda cáustica. A referência histórica coloca esse papiro em 1.550 a.C. e essa é uma data em que os povos semitas, os “hicsos”, estão governando o Egito.

Os mesopotâmicos têm uma história diferente.

Foi numa cidade-estado da Suméria que o sabão foi inventado. Há indícios disso a partir de uma escavação arqueológica feita na região onde era a antiga Babel, na parte meridional da Mesopotâmia. Essa evidência é de um produto parecido com barras de sabão antigo conservados em cilindros de barro com receitas breves inscritas sobre os mesmos e prontos para o preparo. Os cilindros foram datados pelos especialistas como 2.800 a.C.

A certeza somente foi obtida por outra escavação arqueológica na Babilônia. Lá encontraram numa tabuleta uma inscrição de 2.200 a.C. com a receita para fabricar sabão a partir de água mais um produto alcalino e óleo de cássia.

A fórmula do sabão definia que nele houvesse: gordura animal e, no mínimo, algum produto alcalino (muitas vezes eram cinzas restantes da queima de um vegetal como cipreste) e se alguém quisesse, poderia misturar alguma essência ou óleo que desse o odor requerido (o óleo de semente de gergelim, óleo de cássia e óleo de oliva foram muito utilizados).

CULTURA ORIENTAL - O SABÃO

(CONTINUAÇÃO)

Na antiguidade, enquanto os mesopotâmicos se lavavam com sabão e também ensaboavam seus utensílios, os outros povos somente limpavam as sobras e dejetos dos seus utensílios e corpos, esfregando-os com algum produto vegetal alcalino puro e depois lavavam com água. Eram produtos com alto poder de alcalinidade. Não tinham chegado no nível dos mesopotâmicos controlando a quantidade alcalina (soda cáustica) e nem passando um olor de perfume ao ambiente. Se tais povos estivessem em viagem, a situação seria ainda pior; poderia ocorrer que nem se quer existissem produtos vegetais alcalinos, tal como em desertos e aí o ser humano ficaria restrito ao uso da areia do deserto pois, nem água poderia despender e essa era a situação dos andarilhos pelos desertos tal como os árabes (beduínos), até mesmo em meados do século XX da Era Cristã. O famoso médico grego Galeno (por volta de 160 d.C.) recomendava em um livro seu que se usasse o sabão que “deixa a pele doce e limpa o corpo de sua sujeira”.

A produção do sabão, no Oriente, não parou com a invenção do produto (sabão / sabonete): havia desenvolvimentos utilizando tecnologias que surgiam nesse sentido e entre esses desenvolvimentos está um que ficou famoso mundialmente; foi o sabão ou melhor, o sabonete de Alepo (lá no Oriente, desde 2.000 a.C., já se podia distinguir sabão de sabonete por causa do uso e pouco mais tarde também pelo perfume). Esse sabonete tinha óleo de oliva que deixava a pele macia com um custo reduzido (por exemplo, em relação a leite de animais pelo qual a rainha Cleópatra do Egito, no tempo de Júlio Cesar, bem mais tarde) e esse sabonete ficou famoso porque os soldados das cruzadas, ao retornarem do Oriente à Europa, por volta do século XII e XIII, levaram junto a fórmula para o produzirem e assim o fizeram em Marselha (França) donde, depois, exportaram ao mundo todo com o nome de “sabonete marselhês”. Até então, o povo e os nobres na Europa não tinham o hábito de se limparem com sabonete, coisa que os povos da Mesopotâmia e Oriente já faziam havia mais de 3.000 anos..

Referências bibliográficas:

- 1) Kramer, Samuel. N. *History Begins at Sumer*. University of Pennsylvania Press. 1988.
- 2) Somerville, B.A. *Empires of Ancient Mesopotamia*. Chelsea House. NY. 2010.
- 3) Pons-Guiraud, A. *L'Histoire du savon* in. <https://www.allergique.org/article4285.html?lang=fr> (acesso em 15 de junho de 2021)
- 4) Bryan, Cyril P. *The Papyrus Ebers*. Geoffrey Bles. London. 1930.
- 5) Lee, Samuel. *Vetus Testamentum Syriace*. Londini. 1823.

Palavras da Bíblia

Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e certificaste pois sabes de quem aprendeste. *E* desde tua infância os *Livros Sagrados* aprendeste que podem te conduzir à vida da fé em *Jesus Cristo*. Todo livro que pelo *Espírito* foi escrito, é proveitoso para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, para que o homem de *Deus* seja perfeito e capacitado para toda a obra boa.

2ª Carta de São Paulo a Tímóteo - capítulo 3º

Ensinamentos de Nossos Mestres

E se me perguntares: "O que te consola?" Tenho o suficiente para meu consolo das árvores desta montanha e as da montanha do Senhor Deus; voarei de uma para outra até encontrar a Árvore da Vida para me esconder nela e descansar ali. E de seus frutos nossas adegas e lagares de vinho (encherão), e nos alimentará e dará de beber.

E do calor sua sombra nos protegerá e nós teremos nela um lugar que nos protegerá do frio: e gelo não se encontrará porque acendeu seu fogo por dentro. E por causa de sua luz, a noite não sobrepujará: faz brilhar a beleza de sua visão, e não precisamos do sol. Nossa vestimenta: é a túnica que nos emprestou para nos cobrirmos com ela, e não precisamos de ovelhas (=de lã).

E se o seu Espírito fala dentro de nós, de que nos servem as conversas? Se aqueles que moram em seus galhos e não habitam a terra se juntam a nós com eles, por que precisaríamos da companhia de homens? Se, para nosso deleite, respiramos seu perfume com prazer, quem pode nos obrigar a respirar o cheiro do prazer fétido, se a nossa alma voa no seu seio e nosso coração se alegra e exulta ao vê-la?

[Tradução livre de parte da Carta de **Yuhanon Sobo** (sec. VIII) sobre a Falta de Consolação no livro **La Collection des Lettres de Jean Dalyatha** - Brepolis - Turnout / Belgique. 1978.]

RITUALÍSTICA-A ARTE NA IGREJA SIRÍACA

ORTODOXA DE ANTIOQUIA

1) A Música -III.

Nesta edição de nosso informe Suryoye, continuamos com mais algumas informações sobre a música antes de passarmos a outra das belas artes, somente para variarmos um pouco e noutro número futuro retornaremos ao estudo da música pois, como dissemos logo no início, música é um tema vasto e deverá requerer outras edições e mesmo assim, o assunto não estará esgotado.

Algumas observações devem ser feitas.

Primeiro, nem todos os povos da antiguidade, antes de Cristo, conseguiram evoluir para um limite pentatônico, isto é, o uso de 5 notas musicais diferentes numa mesma melodia. Por exemplo, os beduínos que

RITUALÍSTICA - A ARTE....

(CONTINUAÇÃO)

perambulam pelos desertos da Arábia (os árabes originais) e que também ambulam pelos desertos da Síria e Jordânia, até meados do século vinte, possuíam um instrumento chamado “*rababa*” e este possui uma única corda (o formato é de um banjo pequeno com a parte do cabo bem longo; sobre essa parte redonda e sobre o cabo, vai presa uma corda; o usuário tocará com um arco que também terá uma corda feita de crina de camelo ou cavalo); o beduíno a segura e toca como se fosse um pequeno violoncelo¹. A “*rababa*” mais básica que os beduínos usam possui uma nota só e portanto produz uma melodia monotônica.

É certo que não podemos precisar quando a humanidade evoluiu de melodia monotônica para pentatônica, porém, pelas determinações arqueológicas que hoje temos, sabemos que em meados do 3º milênio a.C., civilizações como a Suméria e a Acadiana (ambas ocupando a Mesopotâmia) já possuíam instrumentos com 10 cordas, tal como a harpa descoberta em Ur (localizada no Sul da Mesopotâmia -hoje, no Iraque - a 220 km de Bagdá). Não quer dizer que havia composições de 10 notas ou que todas as composições fossem de 10 notas, talvez fosse usada somente para acompanhamento dos hinos da época. Contudo, por volta do nono século antes de Cristo, os povos que habitavam as cidades (aldeias e vilas) da Mesopotâmia, da Síria, do Líbano, ou seja, do Levante, sob a influência cultural do Império Neo-Assírio, já estavam com melodias pentatônicas definidas.

Outra observação importante é que o canto na antiguidade, nos templos de Babel, Assur, Calah, Damasco, Alepo e outras localidades do Oriente era do tipo antifonal e este é o padrão de hoje nas igrejas siríacas². A melodia é a mesma cantada alternadamente por 2 corais porém a letra muda conforme alternam-se os 2 corais. Assim, se olharmos o *Livro das Orações da Semana Ordinária* da *Igreja Siríaca de Antioquia*, por exemplo, nas orações da noite da quarta-feira, veremos que começa pela melodia “*iro delo domek*” e a 1ª estrofe é a própria “*iro delo domek*” porém, a 2ª estrofe muda e é “*belílio ám ire*” (traduzindo seria: “à noite com os anjos”) e a 3ª é “*eme dáloho*” (significa: “ó mãe de Deus”) e assim, até o final porém, todas as estrofes são cantadas com a mesma melodia (que vimos no nr 107 de Suryoye). A 1ª estrofe é cantada pelo coral da direita, quando ele termina, o coral da esquerda cantará a 2ª estrofe, a seu término, o coral da direita retomará o canto com a 3ª estrofe e assim sucessivamente até o final.

Antes de terminarmos esse capítulo primário sobre o estudo da música, vejamos mais 2 “*perde*”: “*soghedinan laslibo*” e “*manu kai kad moiutáu*”.

Vejamos, primeiramente o que diz cada poema (no caso, estrofe).

1º) “*soghedinan laslibo debe huo purqono lenafexotan uám gaiosso omerinan mexiho etedakerain mo doteat*” (tentamos fazer a transliteração colocando somente letras conhecidas em português). O significado literal é: “veneramos a cruz* que através dela aconteceu a salvação de nossas almas e com o ladrão dizemos ó Cristo lembra-te de nós quando vieres”. [* *slibo* em siríaco tem na verdade dois significados, um deles é a própria cruz enquanto que o outro é o crucificado; além disso, a palavra “*slibo*” é do gênero masculino na gramática siríaca, fica então fácil a concordância de gênero e número tanto para cruz como para Cristo]. Visto que estamos tratando de ritualística, vale a pena comentar que essa melodia e sua letra são da sexta-feira de paixão e o celebrante parará de frente à cruz com o turíbulo na mão e iniciará o canto ao mesmo tempo que inicia a incensação, quando canta a 1ª palavra (*soghedinan*= veneramos) ele abaixa a cabeça como em reverência à cruz /crucificado; ao terminar a última palavra (*doteat*=vieres) e a respectiva nota musical ele iniciará um giro de 360º à esquerda. Enquanto isso, todos os presentes (sacerdotes, diáconos, povo) cantam a mesma estrofe com a mesma melodia. O celebrante termina seu giro e de incensar, alguns segundos antes de todos terminarem o canto. Isso é repetido três vezes. Em seguida, passa o turíbulo para os outros sacerdotes ou arqui-diáconos e diáconos, sucessivamente, que repetem o procedimento, porém, uma única vez (em comunidades menores, todos os sub-diáconos e leitores repetem o procedimento).

A seguir colocamos a melodia conforme Volume XI, Livro 2 A MÚSICA, página 25 (lembrar que a execução musical segue da direita para a esquerda, isto é em sentido contrário ao das músicas ocidentais).

RITUALÍSTICA - A ARTE....

(CONTINUAÇÃO)

Manu kad kai moiutáu		
Tradução	Transliteração da leitura da direita para esquerda	Siríaco (conforme Volume XI - Livro_2 'A MÚSICA)
① de quem então com sua morte	manu kad kai moiutau	ܡܢܘܩܐ ܕܟܝܐ ܡܘܝܘܬܘܐ
② diremos que fez a tudo vivificar	denexetaé ál mahe kul	ܕܢܝܚܝܬܐ ܕܐܠ ܡܚܝܐ ܕܟܘܠ
① que deixou o píncaro de sua grandeza	daxebaq raumo derabute	ܕܕܝܚܝܬܐ ܕܪܘܡܘܐ ܕܪܒܘܬܐ
② e desceu até nossa baixeza	uetaheti lasúrutan	ܘܕܠܝܬܐ ܕܠܫܘܪܘܬܐ
③ ó que engrandece a todos com seu nascimento, engrandece meu pensamento	maureb kul bilidute, aureb reíon haloxo	ܡܘܪܝܒ ܕܟܘܠ ܒܝܠܝܕܘܬܐ ܕܐܘܪܝܒ ܕܪܝܘܢ ܗܠܘܟܘ
③ para eu falar sobre teu nascimento; não será para analisar (=dividir) tua grandeza	dexetáe ál maulodok lo huo debse rabutok	ܕܕܝܚܝܬܐ ܕܐܠ ܡܘܠܘܕܘܟ ܠܘ ܗܘܐ ܕܒܝܨܝܐ ܕܪܒܘܬܐ
① mas para pregar tua graça	elo dakerez taibutok	ܐܠܐ ܕܐܚܝܘܐ ܕܝܚܝܬܐ
② abençoado é o escondido e foi revelado por seus feitos.	brik dakesse uaghelê bexarebau	ܒܪܝܚ ܕܕܐܟܝܣܝܐ ܘܐܓܗܠܝܐ ܒܝܚܝܬܐ

Como afirmamos anteriormente, ninguém tem certeza absoluta a respeito dessa evolução quanto à estrutura musical; de pentatônica para hexatônica; quanto à introdução de diversas frases musicais para tirar os ouvintes de repetições cansativas. Pela tradição da Igreja Antioquina, acreditamos que foi Efrem de Nessebin, conhecido no ocidente como Efrem o siríaco, por volta do 4º século do cristianismo, que fez todas essas modificações para pregar a seus ouvintes e fixar em suas mentes toda a filosofia do cristianismo.

Observações:

¹ Em diversas palestras entre 1982 e 1985 que “malêfono” Abrohom G. Sowmy deu na Igreja de S. João Batista em São Paulo, ao ensinar os diáconos novatos, ele citou esse fato. Também pode ser constatado descritivo nas Enciclopédias, por exemplo na Wikipedia:

<https://en.wikipedia.org/wiki/Rebab> (acesso em 20 de junho de 2021)

² Conforme capítulo VII: *The Assyrian Antiphonal Hymns* de *The Assyrian and Hebrew Hymns of Praise* (Cummings, 1966)

(continua em outro número)

NOTÍCIAS DO BISPADO

Em 20 de junho próximo passado, S. Emca. “mor” Severios Malke, arcebispo da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia no Brasil, logo após o término da Missa Solene de domingo, rumou ao Líbano, onde ocorreria o 202º Santo Sínodo da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia; desenvolvendo assim, diversas atividades características de sua função episcopal.

O Santo Sínodo foi inaugurado no dia 22 de junho, com a convocação, por parte de Sua Santidade “mor” Ignátios Aphrem II, Patriarca da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia, a todas as Eminências presentes a participarem da Santa Missa Pontifical (em aramaico: **qūrbono qadixo pateriarkoio**). Em seguida foi feita uma oração por intenção da vida de S. Emca. “mor” Gregórios Yuhanon Ibrahim, arcebispo de Alepo (Síria) e de S. Emca. “dom” Boulos Yazigi, arcebispo da Igreja Bizantina Ortodoxa (rum ortodoxa), os quais foram sequestrados há 7 anos pelos rebeldes jihadis da Síria e até o momento não há notícias suas.

Feitas todas as orações, SS o Patriarca, inaugurou o Sínodo, no qual ocorreram diversas discussões de ideias profícuas à Igreja; ideias essas levantadas tanto por SS como por todos os arcebispos, bispos e curia - episcopos da Igreja. Duas atividades chamaram a atenção. A primeira foi a ordenação episcopal de 3 sacerdotes. Talvez a mais polêmica fosse aquela relativa à data da comemoração da Semana Santa e Páscoa. Alguns prelados da Igreja na diáspora entendem que a data deveria coincidir com a data adotada pela Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) que segue o calendário gregoriano desde o século XVI, já outros preferem que a Igreja de Antioquia continue com o calendário original, o calendário juliano e isso pode dar, na maior apte das vezes, um atraso em relação à ICAR. Ambas teses possuem suas justificativas coerentes.; uma terceira opinião é que ambas Igrejas concordem com uma data fixa. Como isso levantou as controvérsias acima, SS, de comum acordo com os outros prelados presentes, admitiu ser melhor deixar a decisão para o próximo Sínodo.

No “site” da Igreja Santa Maria (<http://sirian.igrejasiriansantamaria.org.br/enciclicas-e-editos/>) teremos mais detalhes a respeito.



Vista parcial de um dia de trabalho durante o 202º Sínodo da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia. No primeiro plano, SS mor Ignátios Aphrem II, Patriarca da Igreja.

FESTIVIDADES DO 5º BIMESTRE DE 2021

Destacamos a seguir algumas festividades religiosas que marcam o cristianismo sendo que algumas, a nossa Igreja Siríaca de Antioquia lhas dá ênfase maior que as co-irmãs Igrejas do Ocidente. Em geral, acompanham-nos nessa ênfase a Igreja Copta (Egito), a Igreja Abexim (Etiópia) e a Igreja Armênia. Em nosso Calendário, temos diversas comemorações, em especial os seguintes eventos que se destacam:

Setembro		Outubro	
Dia	Comemoração	Dia	Comemoração
01	S. Malke de Klusma	02	Apresentação de Jesus Cristo ao Templo – S. Simão, o velho.
02	Sto. Habib, mártir (+309)	07	S. Sérgio e S. Bacos
03	S. Tadeu (Addai) um dos 70 discípulos (+44)	12	S. Teófilo, Patriarca de Antioquia
07	Sto. Evódio, 2º Patriarca de Antioquia	15	Stos. Ossio (377) e Isaías
08	Natividade de N.Sra., mãe de Deus	18	S. Lucas o Evangelista
12	Sto. Ágaton, o estilita	20	S. Daniel o eremita.
14	Encontro da Cruz de Cristo	23	S. Tiago o Apóstolo. Patriarca Elias III de Antioquia.
16	S. Cipriano, mártir	31	Santificação da Igreja (início do Ciclo Natalino)
18	S. Tiago o recluso e Sto. Ahodeme (1º maferiono de Takrit)		
24	Sta. Tacla, mártir e S. Dimas (+408)		

SECÇÃO DE TRADUÇÃO

[TRANSLATION SECTION]

[This text is a re-compilation from the texts that appeared in January and March of 2012 numbers. For those interested, at the end of the March 2012 edition they can read the original fables in Aramaic].

An interesting aspect is that classification into parable, fable, and metaphor is a Greek division that has passed on to other Western cultures. In the East, especially in the Aramaic language, the various words that indicate: “example, comparison, fable, parable, demonstration” were used indiscriminately as parable, fable and metaphor. Thus, in our New Testament version, the Pexi^Ttho version, to indicate parable, the term “*mathlo*” is used which also means “example” and “representation”. Alongside these terms there are still others that provide us with the same idea (or the same semantic field); thus we have: “*dēmutho*” (similarity), “*puHomo*” (comparison), “*Tufso*” (example, paradigm, model), “*taHuwitho*” (demonstration, exemplification), “*peletho*” (allegory, parable, illustration, proverb). All this variety of terms has basically two reasons: the first is historical, that is, as the Aramaic language derives from much earlier ones (Assyrian and Sumerian) it has been assimilating the various terms of these languages with their meanings and the second is that over the centuries and millennia, humanity had evol-

[TRANSLATION SECTION]

ved in its thoughts and this required refinements in thinking and speaking, with this, the Aramaic or Syriac language culminated by inventing words in which each word reflects more than one meaning and the one who uses them must look at the context in a general and global way, that is, each word, each signifier contains and reflects all its meanings.

All this evolution: of thought and evolution of language did also change the way that people who used the Aramaic language expressed themselves, especially the Aramaeans and Assyrians who, afterwards became Christianized, also known as Syriacs and this all left us with a more humane way of transmitting the same fable, compared to Western languages, especially the Greek. While many fables in Greek started directly in the fable and ended in the adage, the same fables in Aramaic were introduced by the speech of a father teaching his son something about how to behave (ethics) and then introducing the example (fable), ending up in the adage that we have already seen would be the "moral of the story".

I- The Fables

The earliest fables date back to the early writings of the Sumerians and Assyrians (the Assyrians were also known as Akkadians, until the middle of the 2nd millennium BC). Today the scholars of the world of archeology have clay tablets with cuneiform writings from the 3rd millennium BC (or 4th millennium, depending on how such dating is considered) with various fables. These fables were passed on orally to the Phoenicians and from there to other people across the Mediterranean Sea, including the Ionians (*yaunoye* in Aramaic), the Romans, and many others. From the Assyrians, these fables did penetrate the popular culture of early Eastern Christianity and even passed on to the Jews, Arabs, Persians and other neighboring peoples of Mesopotamia. Among each one of these people, such fables took the name of a character who, in the popular imagination, was their narrator; thus, among the Greeks we have Aesops (*yossyphos* in Aramaic and *sophos* in Hebrew, known as Aesop in English), Loqman among the Arabs and Sinban or Sinbad or even Sindabad among the Persians.

As an example, we shall see some comparisons between the same fables of Aesop, in the English version, as translated from Greek and the Aramaic version (in a free translation into English).

1- English version - The Swallow and the Crow

The swallow and the crow had a dispute over their plumages. The crow ended the dispute by saying, "Your feathers are all fine in spring, but mine, protect me from winter."

Moral of the story: "Friends only in good times don't have much value."

Translation from Aramaic - The Swallow and the Crow

A swallow and a crow vied with each other over beauty. The crow said to the swallow: "Your beauty only exists in Nison and you cannot resist the winter, my body, however, resists the cold." This shows that health of the body is better than beauty.

[Comments:

a) Nison, in the Eastern antiquity was the month in which began spring i.e. sometime between March 20th until approximately April 15th. Today it is used to designate the month of April.

b) in the East, spring begins in April and that is why, in this fable, the author used the April/spring metonymy.]

2- English version- The woodcutter and Death.

"What an insufferable work my luck subjects me to!" exclaimed a poor woodcutter, throwing to the ground a large bundle of wood which he had been carrying. "Since morning I had gone to the woods and until nightfall, my poor arms don't let go of this axe. And with so much work still I have nothing more than a pie-

[TRANSLATION SECTION]

ce of old and hard bread to satisfy my hunger and old rags, which do not protect me from the cold. What is life for me? Oh Death, come to me!". At that moment death popped up, appeared and said: "What do you want? Here I am to serve you". The woodcutter trembled, and already regretting his vows, said: "I called you to help me carry the wood."

Translation from Aramaic – A Man and Death.

A man was carrying a bundle of firewood and as he was weary from the toil of the day, on the way he dropped it and then called upon death "O death!" and death answered him saying "Why did you call me?". He said: "To lift and place this bundle on me". This teaches that one loves life more than death even if one is troubled in this world.

3- English version – The Hares and The Frogs

One day the hares gathered and lamented among themselves for leading such a precarious and fearful life, for, in truth, were they not victims of men, dogs, eagles and other animals? Better die than live in terror! Having made such resolution, they all rushed at the same time towards a lake to get drowned.

But the frogs, which were sitting around the lake, when they heard the noise of the approaching hares, jumped in fear into the water. Then one of the hares, the one who looked smarter than the rest, said, "Halt friends! There is no need to rush, because you can see that there are others more afraid than us!".

Moral of the story: "The consolation of the unfortunate is finding others in worse conditions."

Translation from Aramaic – The Hares and the Frogs

My son, if you are weak and sadness constantly reigns over you because of your misery or because of illness or because of privations, do not be sad, but console yourself, see and bring to your memory that there are others in the world who suffer more hardships than you. And to know that this is so, listen to this fable that was told by the sages.

The hares gathered and sat weeping to themselves how weak and miserable they were and went to a pond to drown themselves. And when they got to the pond, they saw some frogs jumping up and down in the pond. But when they saw the wretched condition of the frogs, they were then steadied by the comfort that in the world there are creatures weaker than them. And they no longer drowned themselves.

And you, my son, whenever sadness reigns over you, remember that there are others in the world who are more miserable than you and who suffer more deprivation than you.

